

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA HISTORIOGRAFIA

Danglei de Castro Pereira (UEMS)

Resumo

O trabalho apresenta uma reflexão sobre o percurso historiográfico enquanto metodologia de análise do objeto literário. A idéia central é apontar para os caminhos trilhados pelo método historiográfico quanto ao enfrentamento da tradição literária. Pensamos a necessidade de revitalização constante do escopo literário em uma tradição face aos contatos da literatura com a História e a sociedade. O trabalho é, neste sentido, um percurso de discussão do limites fixos do cânone e, sobretudo, da relação entre literatura, história da literatura e tradição literária.

Palavras-chave: *Revisão do cânone; história da literatura; tradição literária.*

Abstract

The paper presents a reflection on the route historiographical while factor of discussion of the literary object. The central idea is to point to the roads trodden by historiographical method on the confrontation of literary tradition. We fell the need of constant revitalization in the literary scope in a tradition in relation to the contacts with history of literature and society. The work is, in this sense, a discussion of the fixed limits of the canon and, above all, the relationship among literature, history of the literature and literary tradition.

Keywords: *Revision of the canon, history of literature; literary tradition.*

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre o percurso historiográfico enquanto fator de discussão do objeto literário em sua relação com a tradição literária. Nesse percurso discutiremos aspectos pertinentes ao método historiográfico na avaliação do literário como forma de contribuir para uma reflexão sobre a relevância deste percurso não como perpetuador de paradigmas avaliativos fixos dentro da tradição canônica; mas como mecanismo revitalização do cânone.

Cabe lembrar que não nos preocupamos, neste trabalho, em estabelecer o papel da História ou da História Cultural dentro do contexto de avaliação historiográfica, algo muito amplo e que deve ser retomado oportunamente. Verificaremos os procedimentos de avaliação da diversidade literária em um contexto de interação entre valores culturais/históricos e suas representações dentro do universo da crítica literária.

O trabalho é, neste sentido, uma discussão da relevância da historiografia como método de avaliação na relação entre literatura, história da literatura, tradição literária e sociedade.

2. LITERATURA, CULTURA, AVALIAÇÃO: CONSIDERAÇÕES

Em *Cultura e anarquismo*, publicado em 1841, Matthew Arnold (1988), apresenta a ideia da representação artística como expressão da cultura erudita, em muito, distanciada das questões imediatas e corriqueiras do real imediato. A reflexão do crítico, ainda no século XIX, compreende uma longa discussão estética, filtrando autores como Horácio, Lisseng e Aristóteles, entre outros e caminha para a construção do conceito de “alta cultura”. Para o crítico a “alta cultura” proporciona uma percepção das manifestações artísticas em uma perspectiva erudita, condicionada aos produtos culturais em uma sociedade elitizada e altamente culta.

O termo “alta cultura” estabelece em seu cerne um paralelo crítico que exclui ou dificulta a valorização positiva de manifestações culturais populares e, por vezes, burlescas e ou prosaicas entendidas, genericamente, como “cultura popular”. A denominada “cultura popular”, segundo Cascudo (2006), é vista, muitas vezes, como de menor expressão quando discutida à luz, para retomarmos Arnold (1988), da “alta cultura”.

Para Cascudo (2006), o relato oral e a transmissão de temas e valores culturais advindos das camadas populares conferem ao literário uma variedade temática e estética que aponta, em nível profundo, para a expressão de uma realidade social mais complexa e heterogênea do que a proposta pela “alta cultura” de Arnold. A valorização da “cultura popular” e flexibilização da erudição atribuída a “alta cultura” provoca a surgimento de novos arranjos temáticos e estilísticos, mais agudos com o acúmulo populacional e o fortalecimento, em meados do século XX, da chamada cultura de massas.

Willans (1976) comenta a necessidade de revitalização das relações sociais no interior das manifestações artísticas como um caminho natural para o desenvolvimento da arte no século XX e, sobretudo, o que provoca, na linha de raciocínio do crítico, a necessária transformação de procedimentos de análise e julgamento da tradição literária. Para Willans (1976), a nova ordem social no século XX redefine a relação do sujeito com as representações artísticas, dando maior relevância às vozes culturais no interior da tradição. Willans (1976), ao lado de Lukács (1963), Goldmann (1976) e Bakhtin (1984), é influenciado pela visão

marxista e, portanto, retoma um diálogo mais profundo entre a representação literária como voz de um determinado recorte cultural.

Não cabe, neste trabalho, discutir a validade do conceito de “alta cultura” ou a necessidade de valorização da “cultura popular” no percurso de avaliação da obra de arte, aqui, a obra literária. Nossa preocupação é verificar como os procedimentos historiográficos são importantes para o início de um percurso mais amplo na discussão dos limites e formas de julgamento da obra literária.

O reconhecimento da relevância do contexto social enquanto fator a ser considerado na análise do literário constitui uma forma de confrontação dos valores ainda aristocráticos da “alta cultura” rumo às constantes interferências não só temáticas como estilísticas dos valores populares na abordagem do texto literário no século XX. Walter Benjamin (1986) comenta, em seu artigo *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*, que a arte ao ser produto cultural no século XX assume, problematicamente, a acepção de produto, de mercadoria industrializada.

O primeiro reflexo do que podemos entender como maior acessibilidade do público aos meios de expressão da arte, até então restritos a camadas mais cultas e elitizadas, é a popularização da expressão artística. Ainda pensando nas colocações do crítico alemão, ao popularizar-se, a obra de arte redefine o papel entre a cultura erudita e a cultura popular na construção do literário, induzindo uma flexibilização dos aspectos avaliativos da obra literária, agora não tão erudita como dantes.

3. UM MÉTODO DE ANÁLISE ENTRE O LITERÁRIO E O HISTÓRICO

A dinâmica da arte como produto histórico *versus* expressão individual de caráter estético após o contato de massas populacionais mais diversificadas – cultural e economicamente – com o objeto literário conduziu a novos arranjos no enfrentamento da tradição literária. Tal contato força uma reflexão sobre o método historiográfico como instrumento de avaliação do literário. Silvio Romero, ao organizar sua *História da literatura brasileira*, publicado em 1888, quando pensado a partir do *Bosquejo da literatura no Brasil*, publicado em 1865, por Joaquim Norberto (2002), proporciona um paralelo crítico interessante.

Enquanto Norberto (2002, p. 34) adota um procedimento avaliativo permeado pela catalogação das recorrências estéticas e temáticas dentro da tradição brasileira, buscando, muitas vezes, construir o “resumo das produções dignas de nota na literatura brasileira”;

Romero parece empreender uma crítica direcionada à discussão de aspectos ligados ao valor estético nas diferentes produções literárias. Esses percursos críticos, guardadas as devidas proporções, compreendem o perfil do percurso historiográfico de análise do objeto literário em nossa tradição.

A visão historiografia em muito se confunde com a construção de paradigmas de julgamento e procedimentos avaliativos que focam a heterogeneidade de produções literárias para além de seu caráter estético intrínseco, valorizando, em muitos casos, a adequação estética de autores dentro da tradição. Essa aparente dualidade considera dois percursos relevantes para a abordagem historiográfica: a relação dos textos com seu meio de produção e a adequação destas obras a um conjunto eleito como paradigmático, quase sempre, de caráter cristalizado, canônico.

A relação entre texto e História, nesse sentido, compreende uma das faces do perfil de análise da historiografia, pois a adequação de obras aos temas do momento, ou seja, ao recorte temático propriamente dito, fornece ao historiador da literatura um ponto de vista fixo que delimita autores e lista temas recorrentes em um dado período histórico. Ocorre, porém, que em determinado momento o crítico historiográfico aponta diferenças e particularidades estéticas que fogem aos padrões estabelecidos como modelares. Não se pode negar, portanto, que o percurso historiográfico de análise valoriza a tradição, ou seja, analisa e discute a produção literária levando em conta seu espaço de produção e sua posição na História; porém aponta, também, para valores estéticos e, nesse percurso, pode discutir a tradição ao compreendê-la como heterogênea e em constante transformação.

Este posicionamento pode ser percebido quando Almeida Garrett (1978) ao discutir as obras dos árcades mineiros e dos primeiros românticos julga negativamente o tom clássico destes poetas ao apontar para a necessidade de uma literatura brasileira que fixe seu olhar na relação tradição *versus* pátria como fonte de afirmação de valor estético.

A dinâmica de revisitação da tradição garante à crítica historiográfica um espaço de registro de vozes críticas face à tradição literária. O resultado é a discussão, por meio de pesquisas em arquivos, registros – novos ou antigos – das transformações e permanências dos temas e procedimentos estéticos dentro da tradição. A constante revisitação das produções literárias ao longo de um decurso temporal, a relação entre texto e meio de produção, a discussão da História da literatura por meio da catalogação, julgamento e discussão de pontos de vistas circunscritos em períodos históricos anteriores ao século XXI são procedimentos importantes dentro da abordagem historiográfica da literatura.

O olhar crítico direcionado à discussão da tradição e não apenas a sua perpetuação é fator relevante no método historiográfico. Pensar a historiografia literária, nesse sentido, é verificar mecanismos de discutir valores estancos na tradição, apontando par seu esgotamento e, ao mesmo tempo, suas transformações. Em outros termos, o enfrentamento do literário na historiografia aponta para a organicidade dos temas e métodos de análise na construção do literário e, deve, nesse percurso, apresentar pontos relevantes para a compreensão da literatura não apenas em sua especificidade estética, mas também como ponto de contato entre o Histórico e o social.

Silvio Romero (1968) fixa como método de análise, para lembrar Antonio Candido (1986), um procedimento que procura filtrar as influências da tradição e aponta o valor do engenho individual na construção da linguagem como fator a ser considerado no literário. Ao introduzir um paradigma de julgamento que compreende a elaboração do texto como resultado de um recorte histórico face ao cultural, Romero delimita um paradigma de julgamento que discute a singularidade das expressões artísticas em seu diálogo tenso com o percurso Histórico. A percepção de Romero implica discutir, no percurso historiográfico, por um lado, a avaliação de elementos externos ao objeto literário, posto que uma de suas faces compreende a catalogação e organização Histórica de autores e obras e, por outro, apontar para aspectos intrínsecos ao objeto literário; pensado, nesses momentos, não mais como reflexo de seu tempo, mas como expressão da diversidade histórica deste tempo cifradas em discurso.

É esta concepção de análise que valida, por exemplo, a discussão da obra de autores com o Anchieta, Gregório de Matos, Basílio da Gama, Tomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, entre tantos outros, para além dos limites específicos de suas respectivas correntes estéticas sem, contudo, deixar de lado que foi a partir destas que emergiram suas obras. Os autores citados dialogam, nesse sentido, com uma voz tensiva que filtra as influências estéticas de seu tempo para a construção de nossa tradição literária e, ao mesmo tempo a atualizam no processo individual de construção de seus textos, fato que garante a relevância em considerar suas obras como relevantes dentro da tradição.

Discutir a perspectiva avaliativa dentro da historiografia literária, enquanto método de análise possibilita refletir, portanto, sobre a necessidade de valorização da tradição enquanto fator de construção de novos discursos. Esta possibilidade passa pela ideia de valorização da obra de arte dentro de seu contexto histórico, não mais como reprodução passiva dos temas recorrentes em seu meio; mas como resultado da mediação estética na construção individual

do literário. Romero (1968), nesse sentido, implementa uma visão que, por um lado, valoriza a obra literária, e, por outro, compreende a relevância do contexto de produção como fator determinante na valorização do aspecto estético em diferentes autores.

Antonio Candido (1976) reconhece a importância do autor de *História da literatura brasileira* dentro do escopo da crítica literária no Brasil. Para o crítico, o desenvolvimento da abordagem historiográfica é relevante quando ultrapassa o paralelo autoria/contexto de produção para emergir enquanto particularidades intrínsecas do objeto literário, não o contrário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações presentes neste texto refletem uma preocupação com a revitalização dos limites entre história e crítica historiográfica no contexto da teoria e crítica literária, sobretudo, nas últimas décadas do século XX. O texto responde a uma proposição de Alfredo Bosi (2002), em *Literatura e resistência*. A ideia de uma “historiografia renovada”, como pensada pelo crítico, em nosso ponto de vista, passa pela releitura de nossa tradição e um dos caminhos para esta releitura é a revisitação da tradição literária por meio de um olhar inquiridor. Revisitar o passado, não com o intuito de perpetuá-lo; mas como fonte de novas e constantes reflexões críticas pode ser o caminho para uma crítica mais ativa como proposto por Bosi (2002).

Dessa forma, o texto ora apresentado, inscreve-se como uma reflexão sobre a contribuição da crítica historiográfica enquanto mecanismo capaz de contribuir para este processo.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, M. *Culture and anarchy*. 3. ed. Belo Horizonte: Iluminuras, 1988.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In. _____. *A ideia do cinema*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, pp. 55-95

BOSI, A. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CANDIDO, A. *O método crítico de Silvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1986.

CASCUDO, L. da C. *Literatura oral no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Global, 2006.

GARRETT, A. A restauração das letras, em Portugal e no Brasil em meados do século XVIII. In: CESAR, G. (Org.). *Historiadores e críticos do romantismo: a contribuição europeia: crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1978.

GOLDMANN, L. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

LUKACS, G. *Teoria do romance*. Tradução Alfredo Margarido. Lisboa: presenças, 1963.

ROMERO, S. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

SILVA, J. N. S. de. *História da literatura brasileira e outros ensaios*. Organização, apresentação e notas por Roberto Acízelo de Souza. Publicado originalmente em 1841. Rio de Janeiro: Zé Mário Editor, 2002.

WILLANS, R. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Cultrix, 1976.